

13/10/2006 - 09h29

Nobel da Paz 2006 é do bengalês Yunus, o "banqueiro dos pobres"

Oslo, 13 out (Agência EFE).- O bengalês Muhammad Yunus, conhecido como o "banqueiro dos pobres", e seu banco de microcréditos Grameen Bank receberam o Nobel da Paz 2006 por sua luta por uma economia justa para as pessoas de baixa renda, informou hoje o Comitê Norueguês do Nobel, em Oslo.

O Nobel da Paz é um dos cinco prêmios instituídos pelo químico sueco Alfred Nobel (1833-1896) ao perceber os efeitos mortais que uma de suas invenções, a dinamite, teve durante a guerra franco-prussiana.

Decidiu então que o prêmio fosse concedido aos "que mais contribuíram para a aproximação dos povos, a redução dos Exércitos e a promoção da paz".

As propostas para a concessão do prêmio podem ser feitas pelos membros e ex-membros do Comitê Nobel do Parlamento Norueguês, que é formado por cinco pessoas e é a instituição que concede o prêmio, assim como pelos conselheiros do Instituto Norueguês do Nobel e os parlamentares e governantes de todo o mundo.

O primeiro Nobel da Paz foi concedido em 1901, quando dividiram a condecoração o suíço Jean Henry Dunant, promotor da Convenção de Genebra de 1864 da qual nasceu Cruz Vermelha, e o francês Frédéric Passy, fundador da primeira organização pacifista de seu país.

Desde então, além da de 2006, o prêmio foi concedido 85 vezes, e em 19 foi declarado deserto, devido principalmente às duas guerras mundiais.

O reconhecimento foi recebido por grandes personagens a título individual e por instituições, e dividido em 25 ocasiões.

Em uma ocasião, foi concedido de forma póstuma, em 1961, ao sueco Dag Hammarskjöld, secretário-geral da ONU que faleceu semanas antes em um acidente aéreo.

Só uma pessoa o rejeitou: Le Duc Tho, por ter sido agraciado quando, em 1973, a paz ainda não havia sido conquistada em seu país, o Vietnã do Norte.

O Nobel da Paz é o único dos prêmios entregue em Oslo, em cerimônia paralela à realizada em Estocolmo para as outras condecorações.

Entre as personalidades que o receberam ao longo do século XX estão os presidentes dos EUA Theodore Roosevelt (1906) e T. Woodrow Wilson (1919), os também americanos George Marshall (1953), Martin Luther King (1964) e Henry Kissinger (1973), francês Albert Schweitzer (1952), a albanesa mãe Teresa de Calcutá (1979), o polonês Lech Walesa (1983), o soviético Mikhail Gorbachov (1990) e a líder da oposição birmanesa Aung San Suu Kyi (1991).

O prêmio já foi concedido a duplas que uniram seus esforços pela paz: Kissinger (EUA) e Le Duc Tho (Vietnã) em 1973; Anwar el-Sadat (Egito) e Menachem Begin (Israel) em 1978; Nelson Mandela e Frederik de Klerk (África do Sul) em 1993 e David Trimble e John Hume (Irlanda do Norte) em 1998.

Em uma ocasião, 1994, foi concedido a três pessoas ao mesmo tempo: o líder palestino Yasser Arafat e os dirigentes israelenses Shimon Peres e Yitzhak Rabin.

Cinco latino-americanos já foram agraciados: dois argentinos (Carlos Saavedra Lamas, em 1936, e Adolfo Pérez Esquivel, em 1980), um mexicano (Alfonso García Robles, em 1982), um costarricense (Oscar Arias, atual presidente do país, em 1987) e uma guatemalteca (Rigoberta Menchú, em 1992).

Entre as instituições internacionais mais reconhecidas com o Nobel da Paz destaca-se Cruz Vermelha, premiada três vezes (1917, 1944 e 1963), e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, com duas condecorações (1938 e 1954).

No século XXI os vencedores do Nobel da Paz foram: - 2000.- Kim Dae-Jung (presidente da Coreia do Sul).

- 2001.- A ONU e seu secretário-geral, o ganês Kofi Annan.

- 2002.- Jimmy Carter, ex-presidente dos Estados Unidos.

- 2003.- Shirin Ebadi, advogada iraniana, defensora dos direitos humanos.

- 2004.- Wangari Maathai, ecologista queniana.

- 2005.- Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e seu diretor, o egípcio Mohamed ElBaradei.

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/10/13/ult1766u18131.jhtm>

13/10/2006 - 13h58

Yunus dedicará dinheiro do prêmio Nobel na luta contra a pobreza

Nova Déli, 13 out (EFE).- Muhammad Yunus dedicará o valor do Prêmio Nobel da Paz que lhe foi concedido hoje para financiar mais iniciativas de ajuda aos pobres, a quem dedicou 30 anos desde a fundação do seu banco de microcréditos.

"Agora a guerra contra a pobreza se intensificará no mundo, através de microcréditos. Não deve haver pobreza, nunca", disse Yunus aos jornalistas em sua casa de Dacca, entre o entusiasmo de centenas de bengaleses que lhe deram os parabéns pelo prêmio.

O "banqueiro dos pobres" e seu banco de microcréditos Grameen ganharam o Nobel da Paz apesar de não figurarem entre os favoritos, a despeito de ninguém discutir o prêmio para um trabalho que se estendeu a cem países e tirou da pobreza onze milhões de pessoas.

Idealista em suas aspirações mas pragmático em seus planos, Yunus, de 66 anos, aventurou-se em 1976 a criar o que parecia um contra-senso: um banco cujos clientes fossem pobres e cuja única garantia de pagamento fosse sua palavra.

Sua idéia revolucionária nascida em Bangladesh, um dos países mais pobres do mundo, teve um êxito enorme, emprestando US\$ 5,700 bilhões - dos quais mais de US\$ 5 bilhões já foram pagos - e que ajudou especialmente as mulheres, 86% de seus clientes.

A iniciativa consiste em proporcionar pequenos créditos, entre US\$ 75 a US\$ 300, a grupos de cinco mulheres, que administram o dinheiro e respondem solidariamente pela sua devolução.

"Estou orgulhoso por todo o país. Acho que é um grande reconhecimento de nossos esforços no Grameen Bank e para todas as mulheres que trabalham para nós e que ajudaram no sucesso do Grameen Bank", disse hoje Yunus, segundo informou a agência indiana "PTI".

O "banqueiro dos pobres", doutor em Ciências Econômicas, considerou lógico haver recebido o Nobel da Paz em lugar do Nobel de Economia, para o qual sim seu nome era "mencionado" há anos.

"A economia e a paz estão diretamente relacionadas, os problemas em grande parte do mundo são causados por razões econômicas", apontou.

Yunus disse que grande parte do valor do Prêmio Nobel da Paz, de quase US\$ 1,5 milhão, será dedicado a financiar novos programas e iniciativas para os pobres.

Muhammad Yunus demonstra estar especialmente orgulhoso dos resultados alcançados em Bangladesh, onde 22.000 pessoas trabalham em 38.000 aldeias e em 99% dos casos o dinheiro emprestado é devolvido.

O sistema que fundou neste país muçulmano e um dos mais pobres do mundo causou-lhe problemas no início, mas o consenso é total sobre seu frutífero trabalho e hoje as congratulações foram generalizadas, desde o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, até os reis da Espanha.

A rainha Sofia é uma das defensoras mais ativas do modelo de microcréditos de Yunus, desde que em 1996 viajou para Bangladesh e viu como funcionava na prática.

Em Bangladesh, muitos dos seguidores de Yunus asseguraram hoje que o Prêmio Nobel da Paz, o primeiro dessa importância para um bengalês, colocará este país - que conseguiu a independência em 1971 - no mapa mundial.

A primeira-ministra de Bangladesh, Khaleda Zia, felicitou hoje o agraciado e assegurou que este prêmio "impulsionará" a imagem do país asiático no exterior.

Com uma população de quase 140 milhões de pessoas dividida em 144.000 quilômetros quadrados, Bangladesh é um dos países mais pobres e superpovoados do mundo, onde um terço de seus habitantes vive com menos de um dólar por dia.

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/10/13/ult1766u18140.jhtm>

14/10/2006

Pioneiro do microcrédito recebe Nobel da paz

**Amelia Gentleman, Anand Giridharadas
e Keith Bradsher, em Nova Déli**

International Herald Tribune

O Prêmio Nobel da Paz foi concedido na sexta-feira (13/10) ao Grameen Bank, de Bangladesh, e a seu fundador, Muhammad Yunus, por seu trabalho pioneiro com pequenos empréstimos que tirou milhões de mulheres da pobreza. O prêmio dá peso a um conceito que já vem ganhando terreno em círculos de combate à pobreza: que métodos capitalistas podem ser mais eficazes para deter a pobreza do que verbas gigantescas dos governos e organizações como o Banco Mundial.

O prêmio "admite que os recursos do mercado não são necessariamente malignos e que, se bem direcionados, os mercados podem ser usados como forças do bem", disse Nachiket Mor, diretor executivo do Icici Bank, maior instituição de empréstimo do setor privado indiano. Mor administra uma carteira de cerca de US\$ 550 milhões (aproximadamente R\$ 1,2 milhão) de microcrédito, baseada no modelo de Grameen. O Comitê norueguês do Nobel citou Yunus e Grameen por seus "esforços para criar desenvolvimento econômico e social a partir de baixo".

A criação de "empréstimos para pessoas pobres sem qualquer garantia financeira parecia uma idéia impossível", diz o texto. "Desde seu início modesto, há três décadas, Yunus desenvolveu o microcrédito, principalmente por meio do Grameen Bank, e tornou-o um instrumento cada vez mais importante na luta contra a pobreza". Desde sua criação, em 1983, o Grameen emitiu pequenos empréstimos que totalizam US\$ 5,72 bilhões (em torno de R\$ 12,6 bilhões).

Em todos os anos, com exceção de três, o banco obteve lucro. No ano passado, ganhou US\$ 15 milhões (cerca de R\$ 33 milhões). Yunus é considerado pelos especialistas o pai de uma

idéia simples, mas revolucionária: que os pobres podem ser tão responsáveis quanto os ricos quando pegam empréstimos, mas as regras de empréstimo precisam substituir a forma tradicional de administração de riscos pelo poder da confiança.

Até a chegada do microcrédito, os bancos do mundo em desenvolvimento em geral recusavam-se a emprestar aos pobres. Organizações de assistência humanitária dizem que a falta de acesso a empréstimos aprisiona agricultores em um ciclo de pouco investimento, métodos antiquados e rendimentos baixos. Também priva as economias em desenvolvimento de pequenas empresas viáveis.

Yunus foi inspirado a criar o Grameen Bank durante uma viagem a Jobra, uma aldeia em Bangladesh, durante a fome devastadora de 1976. Lá ele conheceu uma senhora que estava lutando para sobreviver fabricando bancos de bambu. Como ela não tinha bens, não conseguia pegar fundos em bancos convencionais e teve que procurar agiotas locais. Os juros extorsivos deixaram-na quase sem vencimentos.

Yunus, que na época era professor de economia rural na Universidade Chittagong, emprestou US\$ 27 (cerca de R\$ 60) de seu próprio bolso a ela e vários outros aldeões, permitindo que comprassem matéria prima para seu trabalho. Ele ficou surpreso quando viu que aqueles que pegaram dinheiro emprestado, na maioria mulheres, pagaram seus empréstimos na totalidade e no prazo. Determinado a provar que emprestar aos pobres não era uma "proposta impossível", Yunus foi de aldeia em aldeia naquele ano, oferecendo empréstimos minúsculos.

Em 1983, Yunus formalizou sua carteira de empréstimos, criando o Grameen Bank, que segundo os especialistas emprega uma inovação fundamental no crédito: em vez de administrar o risco tomando garantias, Grameen exigiu que as pessoas interessadas, na maioria mulheres, pegassem os empréstimos em grupos de cinco. Cada uma estaria então garantindo a responsabilidade das outras, e a ameaça de passar vergonha diante das colegas era frequentemente suficiente para dissuadir as que estivessem pensando em dar calote.

"Não temos garantias, não temos referências, não temos instrumentos legais, e ainda assim funciona", disse Yunus à revista Fortune, em entrevista recente. "Desafia toda a sabedoria convencional." O banco agora informa ter 6,61 milhões de clientes que pegaram empréstimos, 97% dos quais são mulheres. Seu índice de recuperação de empréstimos é de impecáveis 98,5%. Os bancos convencionais em Bangladesh, que emprestam principalmente a famílias afluentes diante de garantias, têm índices de recuperação de apenas 45% a 50%, de acordo com Mustafizur Rahman, diretor de pesquisa do Centro de Política de Diálogo em Dacca.

O Grameen Bank também ajudou a transformar atitudes em relação às mulheres em Bangladesh, um país de maioria muçulmana, dando-lhes acesso ao crédito e melhor saúde e educação, disse Rahman. A citação do Nobel descreve o microcrédito como uma "força libertadora em sociedades onde as mulheres em particular têm que lutar contra condições econômicas e sociais repressivas."

Filho de um ourives rico, Yunus ressaltou que foi a natureza caridosa da mãe que lhe deu um sentido de dever aos pobres.

M. Morshed Khan, ministro de relações exteriores de Bangladesh, chamou o reconhecimento de grande honra para todo o país. "Grameen permanecerá um marco", disse ele em entrevista telefônica, acrescentando que conhecia Yunus desde criança. "Desde aquela época, eu sentia que seria um grande realizador e que um dia ia fazer algo importante", disse Khan, observando que era a primeira vez que um bengalês recebia um prêmio Nobel. Quanto a Yunus, o prestígio do Nobel e o prêmio de US\$ 1,4 milhão (em torno de R\$ 3 milhões), dividido igualmente entre ele e seu banco, devem ajudá-lo a dar um passo na direção de um objetivo distante. "Um dia", diz frequentemente, "nossos netos irão a museus para ver como era a pobreza".

Tradução: Deborah Weinberg

<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/herald/2006/10/14/ult2680u349.jhtm>